

# Como colocar as doenças tropicais na agenda mediática

## How to make tropical diseases newsworthy

Isa Alves

MSc, Gabinete de Comunicação e Marketing, Associação para o Desenvolvimento da Medicina Tropical  
ADMT, Instituto de Higiene e Medicina Tropical,  
Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, Portugal,  
isa.alves@ihmt.unl.pt

### Resumo

Apesar de serem responsáveis por elevada mortalidade e morbilidade em todo o mundo, as doenças tropicais não têm a visibilidade mediática que merecem, sendo muitas vezes negligenciadas na cobertura noticiosa. Baseando-se na comunicação veiculada no âmbito de um congresso técnico-científico na área das doenças tropicais, este artigo salienta a necessidade de se desenvolverem estratégias inovadoras para captar o interesse dos media para estas doenças, sendo que os eventos técnico-científicos, designadamente através da disponibilização aos jornalistas de informação científica validada e do acesso a fontes credíveis e especializadas, poderão constituir importantes oportunidades de comunicação para influenciar as agendas dos media e, até, a agenda política. O presente artigo defende ainda que as instituições académicas, científicas e as organizações sem fins lucrativos de apoio ao desenvolvimento devem afirmar-se, cada vez mais, como os porta-vozes preferenciais de tópicos relacionados com as doenças tropicais - em alternativa às empresas farmacêuticas - devendo constituir-se enquanto fontes de informação credíveis e preparadas para lidar com os jornalistas.

### Palavras Chave:

Comunicação social, comunicação em saúde, doenças negligenciadas.

### Abstract

Despite being responsible for high mortality and morbidity rates globally, tropical diseases are often overlooked by journalists, and neglected regarding media coverage. Based on the communications undertaken during a scientific congress about tropical diseases, this article underlines the need to develop innovative strategies to capture media interest on these diseases. Important communication opportunities may develop from the organization of scientific events that can play a role in influencing media agendas and also political agendas, mainly through making verified scientific information available to journalists and providing them with ready access to specialized trustworthy sources. This study argues that academic and scientific organizations, and also non-profit aid development agencies, should speak louder and grow to be journalists' preferable news sources on tropical diseases topics, providing an alternative to pharmaceutical companies' voices. As such, these organizations should become properly equipped to take on the role of credible sources of information for journalists.

### Key Words:

Mass Media, health communication, neglected diseases.

### Introdução

Excetuando determinadas patologias mais mediáticas, como a malária, a tuberculose e a dengue, as doenças tropicais – ou aquelas que afetam predominantemente (mas não de forma exclusiva) populações em áreas tropicais ou rurais – raramente são alvo de cobertura noticiosa, sendo usualmente esquecidas pelos media na generalidade. Este facto é tanto mais causador de apreensão se se considerar o real impacto destas doenças: atingem mais de mil milhões de pessoas no mundo e são endémicas em cerca de 150 países, causando elevada mortalidade e morbilidade e constituindo uma barreira à redução da pobreza e ao desenvolvimento socioeconómico dos países afetados. Por que não são, então, estes números dramáticos condição suficiente para que as doenças tropicais adquiram maior visibilidade na arena mediática? Esta é uma problemática que exige o desenvolvimento de estratégias

inovadoras, a nível da comunicação, para colocar as doenças tropicais na agenda dos media. O presente estudo foi desenvolvido com o objetivo de dar resposta à seguinte questão: *como captar o interesse dos media para as doenças tropicais?*

São escassos os estudos que analisam a cobertura noticiosa em torno das doenças tropicais, sendo que os existentes tendem a focar-se numa análise comparativa, e relativamente aleatória, entre doenças ou grupos de doenças [1,2]. Ao se considerar especificamente a investigação do impacto de intervenções de comunicação concretas destinadas a promover uma maior visibilidade mediática das doenças tropicais, então verifica-se que a produção científica, a esse nível, é nula. Contudo, é fundamental desenvolver estudos que permitam aferir sobre a qualidade desse tipo de intervenções e propor estratégias inovadoras e eficazes para captar a atenção dos jornalistas para as doenças tropicais.

Sabe-se que os países ocidentais com legado colonial são

usualmente aqueles que apresentam maior produtividade científica na área das doenças tropicais negligenciadas.[3] Contudo, e embora Portugal seja um país com um passado colonial e uma ligação histórica às ex-colónias africanas (Angola, Cabo Verde, Guiné Bissau, Moçambique e S. Tomé e Príncipe), onde as doenças tropicais se assumem como problemas de saúde relevantes, são inexistentes estudos sobre a atenção que os media portugueses dedicam ao tema das doenças tropicais.

Assim sendo, é objetivo deste estudo analisar a cobertura mediática sobre doenças tropicais nos órgãos de comunicação social portugueses, no âmbito da estratégia de comunicação desenvolvida pelo Instituto de Higiene e Medicina Tropical em torno da organização de um evento técnico-científico dedicado a estas temáticas – o 2.º Congresso Nacional de Medicina Tropical. Pretende-se, através da análise, aferir o papel e a preponderância deste tipo de acontecimentos para influenciar a agenda mediática no sentido de promover uma maior atenção pública às problemáticas relacionadas com a saúde tropical. É ainda finalidade deste estudo refletir sobre novas estratégias para captar o interesse dos profissionais do jornalismo para as doenças tropicais, tentando contornar o atual panorama da invisibilidade destas matérias nos media.

### A agenda mediática na saúde

As temáticas de saúde nos media são sobretudo dominadas pela inovação científica, pelas novas descobertas terapêuticas e avanços no tratamento de doenças. As principais fontes de informação dos jornalistas são as empresas farmacêuticas que, normalmente através da ação das agências de comunicação, divulgam informação sobre problemas de saúde para os quais investigam e comercializam medicamentos. As doenças tropicais negligenciadas, como são exemplo a doença do sono, a doença de chagas, a schistosomose ou a leishmaniose, embora causadoras de elevada mortalidade e morbilidade nos países em desenvolvimento, em particular se consideradas em conjunto,[4] recebem pouca atenção e financiamento das autoridades de saúde e quase nenhum investimento por parte da indústria para o desenvolvimento de terapêuticas novas, mais eficazes e com menos efeitos adversos [5]. Isto significa que as doenças subfinanciadas e onde não se registam investimentos e avanços científicos, como o surgimento de novas moléculas, raramente figuram nas notícias, sofrendo de uma crónica falta de visibilidade na arena não só mediática, mas também política e social. Por seu turno, a falta de conhecimento do público sobre estas doenças, pela ausência de difusão de informação, contribui, num ciclo vicioso, para perpetuar a invisibilidade das doenças tropicais negligenciadas, havendo mesmo estudos que reportam uma correlação entre a cobertura mediática e o financiamento concedido a essas doenças. [6]

Os media tem a sua própria cultura profissional, o que os

leva a ter em conta determinados fatores e valores na seleção das notícias. Numa análise moderna dos designados *fatores-notícia*, Harcup refere que, atualmente, os media não procedem à cobertura noticiosa de um *evento* pelo simples facto deste afetar um elevado número de pessoas, como acontece com as doenças tropicais, ou ser considerado “importante” de alguma forma [7]. Há muitos outros fatores concorrentiais na escolha que os jornalistas fazem diariamente sobre o que é e não é considerado “notícia” - designadamente o entretenimento e notoriedade das pessoas envolvidas.

Um outro *fator-notícia* importante é a proximidade cultural e geográfica ou, em outras palavras, a relevância para os leitores. A (escassa) existência de cobertura noticiosa sobre as doenças tropicais negligenciadas resulta usualmente da ocorrência de surtos e epidemias. Nos casos em que os media noticiam estes fenómenos, têm, no entanto, a necessidade de os contextualizar nas realidades nacionais, com interesse específico para a audiência a quem se dirigem, usualmente enquadrando-os como riscos ou ameaças de saúde para a população. Também esta lógica no funcionamento do jornalismo contribui para a pouca cobertura das doenças tropicais, já que na maioria dos países ocidentais, estas não são endémicas e não constituem um fator de risco iminente para a população.

Baseando-se na comunicação veiculada no contexto do 2º Congresso Nacional de Medicina Tropical, este artigo pretende mostrar que os eventos técnico-científicos na área das doenças tropicais podem constituir momentos de comunicação valiosos para promover um aumento da sensibilização pública para estas doenças, promovendo uma maior cobertura mediática destas temáticas.

Esta análise tem como objetivo investigar, descrever e analisar a cobertura mediática de temáticas relacionadas com as doenças tropicais, propulsionada pela comunicação decorrente da realização do 2º Congresso Nacional de Medicina Tropical, organizado pelo Instituto de Higiene e Medicina Tropical a 22 e 23 de abril de 2013 em Lisboa. O estudo visa averiguar de que forma a realização de um evento científico na área das doenças tropicais pode influenciar a cobertura mediática e pretende estudar como estes eventos poderão contribuir para uma maior atenção dos jornalistas a estas temáticas.

### Métodos

A comunicação do 2º Congresso Nacional de Medicina Tropical foi desenvolvida através de diversos contactos com os órgãos de comunicação social, que envolveram a difusão de notas de agenda e comunicados de imprensa, a disponibilização de informação e o agendamento de entrevistas em regime de exclusividade ou não, antes e durante o evento.

As notícias que resultaram desses contactos foram recolhidas através de bases de dados eletrónicas, especificamente o

arquivo de *clipping* da empresa Manchete. Foram selecionadas para análise as peças informativas que incluíam referência ao 2º Congresso Nacional de Medicina Tropical e ao Instituto de Higiene e Medicina Tropical, no âmbito das atividades divulgadas no contexto do Congresso, no período de 15 de abril a 8 de maio de 2013. O Congresso realizou-se nos dias 22 e 23 de abril, com atividades pré-congresso a decorrerem também nos dias 19 e 20 de abril. Optou-se por abranger o período temporal de uma semana antes do Congresso até duas semanas após o mesmo, já que, por um lado, algumas notícias são dadas por antecipação, como informação de agenda, antes da ocorrência dos eventos. E, por outro lado, alguns órgãos de comunicação, como é o caso dos semanários ou especializados com tiragens semestrais ou quinzenais, publicam notícias com algum atraso relativamente à data de realização dos eventos.

Foi desenvolvida uma análise quantitativa das notícias recolhidas, que incluiu a medição do número de notícias divulgadas na televisão, rádio, imprensa escrita e internet e identificação dos respetivos órgãos de comunicação produtores dessas notícias. O estudo inclui ainda uma perspetiva qualitativa, através de uma análise do conteúdo, do enquadramento e da apresentação dos assuntos pelos jornalistas, tendo resultado esta análise na identificação de quatro temas presentes na cobertura. O 2.º Congresso Nacional de Medicina Tropical foi considerado o tema central, mas foram identificados outros relacionados com o evento e com as doenças tropicais. Só foram incluídas na análise notícias onde o Instituto de Higiene e Medicina Tropical foi mencionado.

## Resultados

Os artigos selecionados foram codificados em torno de quatro temáticas identificadas na cobertura mediática naquele período, através de uma análise qualitativa de conteúdo:

- i. Congresso Nacional de Medicina Tropical
- ii. Surto de Dengue em Angola
- iii. Criação de Plataforma para as Doenças Tropicais
- iv. Outros (Malária, Schistosomose)

Um total de 15 artigos foram categorizados dentro do tema i. Os critérios para inclusão foram a existência, no conteúdo, de uma menção direta à realização e aos objetivos do 2º Congresso Nacional de Medicina Tropical ou de declarações, citações ou entrevistas com participantes

**Tabela 1** - Número de notícias recolhidas e sua distribuição por tipos de media

Tipo de Media	Nome do órgão de comunicação		Nº de peças	%
Televisão	TVI	RTP1	21	21,2
	RTP Informação	RTP África		
	CMTV			
Rádio	RDP África		1	1
Imprensa	DN Madeira	Página 1	22	22,2
	Diário Regional Viseu	Jornal i		
	Diário de Aveiro	Tribuna da Madeira		
	Diário Leiria	Público		
	Diário Coimbra	Jornal de Notícias		
	Jornal da Madeira	Diário de Notícias		
	Destak	Correio da Manhã		
	As Beiras			
Internet	JN Online	TSF Online	55	55,5
	Saúde na Internet	SIC Online		
	ionline.pt	Rádio Renascença		
	algarvenoticias.com	Online		
	Diário Digital	noticiasominuto.com		
	Sol Online	MSN Notícias		
	Saúde Sapó	rcmpharma.com		
	Jornal da Madeira	Público Última Hora		
	Online	Economico.pt		
	dnoticias.pt	netfarma.pt		
	tvi24.iol.pt	RTP Online		
	<b>Total</b>			

ou organizadores do congresso. Exemplos de notícias enquadradas nesta temática foram as peças informativas com os títulos “Especialistas de doenças tropicais reunidos em Lisboa” (RTP1), “Portugal estará preparado para eventual surto de doenças tropicais no continente” (iOnline) e “Congresso de doenças tropicais com dengue da Madeira como pano de fundo” (dnoticias.pt).

Os temas ii, iii e iv também foram integrados na análise pois a sua presença na cobertura jornalística, no período analisado, esteve associada ou foi influenciada pela realização do 2º Congresso Nacional de Medicina Tropical. Optou-se, contudo, por codificá-los em temas distintos quando, no seu conteúdo, não mencionavam o Congresso.

O tema ii diz respeito à divulgação de um surto de Dengue em Angola, que foi detetado na Consulta do Viajante do IHMT. A cobertura noticiosa deste tópico iniciou-se antes do Congresso, esteve presente ao longo de toda a divulgação do evento e persistiu mesmo após o seu término, tendo sido este o tema que reuniu mais artigos jor-

**Tabela 2** - Número de peças jornalísticas das principais organizações de Media classificadas por tema

Organização de Media	Temas				Total
	Congresso	Surto	Plataforma	Outros	
Grupo RTP	4	6	0	12	22
Media Capital	1	3	0	0	4
Público	1	3	0	0	4
Grupo Controlinveste	5	5	2	0	12
Grupo Cofina	1	3	0	0	4
Jornal i	3	1	2	0	6
<b>Total</b>	<b>15</b>	<b>21</b>	<b>4</b>	<b>12</b>	<b>52</b>

nalísticos (=21). Exemplos de notícias deste tema são: “Trinta portugueses vieram de Angola infetados com dengue” (Diário de Notícias) e “Portugueses infetados com dengue” (TVI).

O tema iii, que incluiu quatro artigos, corresponde à criação de uma plataforma para controlar a entrada de mosquitos em Portugal continental, da qual o IHMT faz parte, uma informação adiantada pela Direção-Geral da Saúde (DGS), no período em que o Congresso se encontrava a decorrer. Um exemplo deste tema é o artigo “Governo cria plano de contingência para a entrada em Portugal do mosquito (noticiasominuto.com).

No tema iv, foram reunidas as peças jornalísticas (num total de 12) que, no contexto do Congresso, abordaram o trabalho do IHMT em torno de doenças tropicais específicas, como a malária e a schistosomose, como por exemplo, a reportagem televisiva “Portugal na vanguarda da investigação sobre a malária” (RTP).

Procedeu-se ainda a uma análise da distribuição dos temas pelas principais organizações de media, o que poderá ajudar a compreender diferenças entre os órgãos de comunicação social na cobertura de temas relacionados com as doenças tropicais. O Grupo RTP, que inclui a RTP1, RTP Informação, RTP África, RDP África e RTP Online foi o que produziu mais conteúdos noticiosos sobre doenças tropicais, no período em análise, com um total de 22 emissões, sendo que, em alguns casos, a mesma peça jornalística passou em canais diferentes do grupo ou repetiu-se em horários e dias diferentes no mesmo canal. Seguiu-se o Grupo Controlinveste (DN, DN Online, JN, DN Madeira, DN Madeira Online e TSF Online), com 12 peças, o Jornal i – com um total de seis artigos, e, por fim, com quatro peças jornalísticas cada, a Media Capital (TVI e TVI Online), o Público (inclui a versão em papel e online) e o Grupo Cofina (jornais Correio da Manhã e Destak e o canal de televisão CMtv).

## Discussão e conclusões

Um estudo que analisou a cobertura mediática internacional na área das doenças tropicais negligenciadas em órgãos de co-

municação social como a BBC, The Guardian e The New York Times, identificou uma média de 10 artigos por organização de media num período superior a quatro anos. [8] Na presente análise, tendo em conta um período de 24 dias consecutivos, foi identificada quase uma centena de peças noticiosas sobre doenças tropicais. Porém, o estudo referido incidiu numa análise de cobertura mediática aleatória e não numa análise do impacto de intervenções de comunicação concretas para promover a cobertura mediática de temáticas relacionadas com as doenças tropicais, como é o objetivo da análise aqui apresentada.

No que concerne à distribuição das diferentes peças jornalísticas por tipo de media, verifica-se que a maioria estão concentradas na internet, o que seria expectável, uma vez que atualmente a internet é um meio aglutinador de todos os outros: praticamente todas as rádios, canais de televisão ou imprensa escrita têm também uma presença virtual. À internet segue-se a imprensa escrita, o que será também relativamente esperado, já que determinado tipo de imprensa, onde se inclui a designada “de referência”, mas também a imprensa regional, mantém um papel importante na abordagem de temáticas complexas, como é o caso das doenças tropicais. Contudo, nesta análise, a imprensa é seguida de muito perto pela televisão no que diz respeito ao número total de peças jornalísticas difundidas. Este facto causa alguma surpresa, uma vez que a televisão, na generalidade, tende a focar a sua cobertura noticiosa mais em aspetos de entretenimento e *fait-divers* do que em temáticas complexas. Não será, no entanto, irrelevante o facto de a quase totalidade das peças televisivas sobre doenças tropicais pertencerem ao Grupo RTP, a estação televisiva que ainda mantém uma cultura de serviço público. Em contrapartida, o pouco interesse da rádio pela difusão do congresso e de conteúdos relacionados com as doenças tropicais talvez possa ser explicado pela carência de pessoal dentro das redações, em especial de jornalistas especializados em temáticas de saúde.

O Grupo Controlinveste é o segundo com mais peças jornalísticas dedicadas às doenças tropicais, no período analisado, mas isso pode explicar-se pelo elevado número de órgãos de comunicação que este grupo abrange, no qual se inclui também o jornal mais lido na Madeira, região onde se detetou um surto de dengue, em 2012.

No que diz respeito às subtemáticas identificadas na análise de conteúdo, o facto de a maioria das notícias ter focado o surto de dengue em Angola vai ao encontro do que seria expectável dentro do que já é conhecido das práticas e cultura jornalística: as doenças tropicais terão interesse para um país não-endémico se existir um acontecimento com magnitude (surto ou epidemia) e que possa eventualmente constituir um risco para a população local (receios de transmissão da dengue em Portugal continental com a “importação” de casos não- autóctones).

Também o 2.º Congresso Nacional de Medicina Tropical obteve uma cobertura noticiosa nada despiciente, sobretudo tendo em conta a escassa cobertura noticiosa que as doenças tropicais obtêm nos países ocidentais. Assim sendo, o que pode explicar o especial interesse dos jornalistas por este congresso? As atividades de comunicação decorrentes do congresso possibilitaram que os jornalistas tivessem acesso a dados científicos atuais e a fontes institucionais competentes e credíveis, tanto a nível nacional como internacional, no domínio das doenças tropicais, o que é algo que não acontece com regularidade, pois, particularmente na área da saúde, as relações públicas estão concentradas, na sua maioria, nas mãos de profissionais de comunicação ao serviço de empresas (farmacêuticas) com interesses comerciais.

O número total de notícias veiculadas sobre doenças tropicais, no período em análise, permite constatar que o congresso não só foi bem sucedido na captação de atenção mediática, como criou um efeito replicador de notícias sobre doenças tropicais, caracterizado pelo aparecimento de ou-

tras informações veiculadas por fontes externas à entidade organizadora do congresso – como foi o caso da DGS, que anunciou, na mesma altura em que decorria o congresso, a criação de uma plataforma continental para as doenças tropicais. Este efeito “bola-de-neve” mostra que as ações de comunicação sobre o congresso permitiram não só influenciar a agenda mediática, mas contribuíram também para influenciar a agenda política.

Para que as doenças tropicais obtenham a visibilidade que merecem, tanto na arena mediática como na política, precisam de porta-vozes com força institucional e organizados, que estejam preparados para dar resposta às necessidades de informação dos jornalistas nesta área. Esta função deverá, cada vez mais, ser ocupada por instituições científicas e académicas credíveis ou organizações sem fins lucrativos de apoio ao desenvolvimento, que deverão assumir-se como fontes de referência no setor da saúde e como vozes alternativas e credíveis, num contexto informacional atualmente dominado pelos profissionais de relações públicas das empresas farmacêuticas.

## Bibliografia

1. Balasegaram M, Balasegaram S, Malvy D, Millet P (2008) Neglected Diseases in the News: A Content Analysis of Recent International Media Coverage Focussing on Leishmaniasis and Trypanosomiasis. *PLoS Negl Trop Dis* 2(5): e234. doi:10.1371/journal.pntd.0000234
2. Hudacek DL, Kuruvilla S, Kim N, Semrau K, Thea D, *et al.* (2011) Analyzing Media Coverage of the Global Fund Diseases Compared with Lower Funded Diseases (Childhood Pneumonia, Diarrhea and Measles). *PLoS ONE* 6(6): e20438. doi:10.1371/journal.pone.0020438
3. Adams J, Gurney KA, Pendlebury, D (2012) Thomson Reuters Global Research Report Neglected Tropical Diseases

4. D.H. Molyneux. (2010) Neglected tropical diseases – Beyond the tipping point? *The Lancet*, 375 (9708), 3-4.
5. Chirac P, Torreele E (2006) Global framework on essential health R&D. *Lancet* 367(9522): 1560–1.
6. Hudacek DL, Kuruvilla S, Kim N, Semrau K, Thea D, *et al.* (2011) Analyzing Media Coverage of the Global Fund Diseases Compared with Lower Funded Diseases (Childhood Pneumonia, Diarrhea and Measles). *PLoS ONE* 6(6): e20438. doi:10.1371/journal.pone.0020438
7. Harcup T, O’Neill D. (2001) What Is News? Galtung and Ruge revisited, *Journalism Studies*, 2: 2, 261-280.
8. Balasgaram *et al.*, 2008